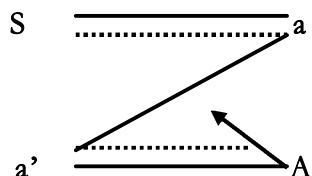


Seminário da quarta-feira de 11 de junho de 1958

Vamos retomar nosso propósito, e sempre e ainda com ajuda de nosso pequeno esquema.

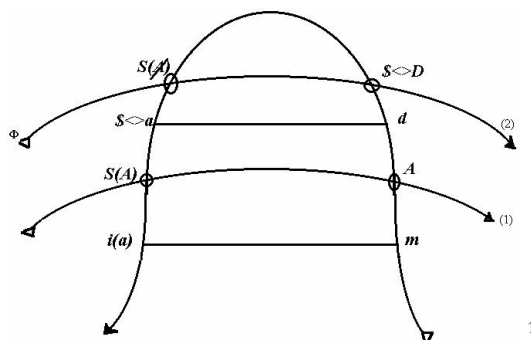


Alguns de vocês se perguntam sobre este pequeno signo em losango tal como é usado quando escrevo por exemplo, S em face de pequeno a, do pequeno outro. Isso não me parece extremamente complicado. Mas, haja visto que alguns se perguntam, lembro que o losango de que se trata é a mesma coisa que o quadrado de um esquema muito antigo e fundamental no qual se inscreve a relação do sujeito ao outro enquanto objeto da palavra, enquanto mensagem do outro nesta primeira aproximação que fizemos daquilo que vem do Outro e que encontra a barreira da relação $a-a'$, o que é a relação imaginária.

O que isso quer dizer?

Quer dizer que isso exprime a relação do *sujeito barrado* ou não barrado, conforme os casos, isto é, na qualidade de marcado pelo efeito do significante, que simplesmente consideramos como sujeito ainda indeterminado, ainda não re-fendido pela *Spaltung* que resulta da ação do significante, a relação, pois, deste sujeito a algo determinado por esta relação quadrática, e que, quando a inscrevo assim, não está determinada diferentemente quanto aos vértices do quadrante de que se trata nesta moldura, por exemplo, do pequeno outro, isto é, do semelhante, do outro imaginário.

Se eu escrever \$ em relação à demanda, ou $S \leftrightarrow D$, é a mesma coisa. Isso não prejulga do ponto do pequeno quadrado sobre o qual intervém a demanda como tal, isto é, a articulação sob forma do significante de uma necessidade.



Aqui temos, pois, uma linha que é uma linha significativa, e certamente como tal, articulada. Posto que ela se produz no horizonte de toda articulação significativa, ela é o pano de fundo fundamental de toda e qualquer articulação de uma demanda. Aqui, na segunda linha, geralmente isso está articulado. Por mal feita que esteja, temos uma articulação precisa, uma sucessão de significantes, fonemas.

¹ (1) Linha 1: significante; (2) Linha da transferência.

11 de junho de 1958

Atrás, isto é, no além de toda e qualquer articulação significativa, isto representa o efeito da linha significativa, ou corresponde a ela, da articulação significativa na qualidade de tomada, considerada em seu conjunto, pelo fato que, por sua presença, unicamente, ela faz aparecer simbólico no real. É em sua totalidade, e na medida em que se articula, que ela faz aparecer este horizonte, ou este possível da demanda, esta potência da demanda que é que ela seja essencialmente e por sua natureza, demanda de amor, demanda de presença, isto, naturalmente, com toda a ambigüidade.

É para fixar algo que eu digo de amor, o ódio, nesta oportunidade, tem o mesmo lugar. É unicamente neste horizonte que a ambivalência do ódio e do amor pode se conceber; é também neste horizonte que podemos ver no mesmo ponto vir este terceiro termo francamente homólogo do amor e do ódio em relação ao sujeito, e justamente que achei num texto e alhures, a ignorância.

É, pois, aqui que se encontra o significante de ~~A~~ na qualidade de marcado pela ação do significante, isto é, de ~~A~~ barrado, isto é, que neste ponto preciso que é o homólogo onde sobre a linha da demanda aparece no esquema fundamental de toda e qualquer demanda, este retorno da passagem da demanda pelo outro que se chama a mensagem. Se quiserem, de maneira homóloga, o que deve ocorrer no ponto de mensagem na segunda linha, é justamente a mensagem de um significante significando que o outro está marcado pelo significante.

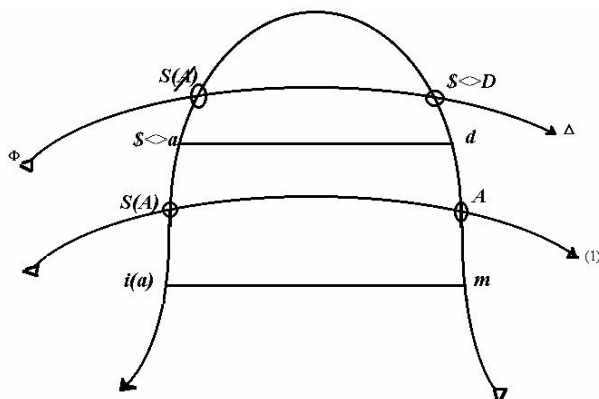
Isso não quer dizer que a mensagem ocorra. Está aí, num ponto homólogo como possibilidade de ocorrer, e por outro lado, ponto homólogo deste ponto onde a demanda chega ao outro, isto é, onde está submetida à existência do código no outro, no lugar do outro, no lugar da palavra.

Neste horizonte, vocês têm, igualmente, o que pode ocorrer, que se chama esta referência, o que se chama de tomada de consciência. Mas ela não é simplesmente tomada de consciência, esta articulação pelo sujeito na qualidade de falando de algo que é sua demanda como tal, e em relação à qual ele se situa.

Que isto possa ocorrer é pressuposto fundamental da própria análise. É o que ocorre no primeiro plano na análise. Não é, essencialmente e como primeiro passo, a renovação pelo sujeito, de suas demandas. Certo, de certa maneira, é uma renovação, mas é uma renovação articulada, é em seu discurso que, de certa maneira, o sujeito faz aparecer, quer diretamente quer em filigrana de seu discurso, aquilo que certamente é muito mais importante para nós quando está em filigrana que quando está diretamente renovado pela forma e natureza de sua demanda, isto é, pelos significantes pelos quais sua demanda se formula. E é na medida em que esta demanda se formula por significantes arcaicos, que falamos de regressão anal, oral, por exemplo.

Lembro que o que articulei na última vez, que eu quis introduzir, é que tudo quanto ocorre, que é, propriamente falando, da natureza da transferência, está suspenso à existência desta linha de trás, desta linha que parte de um ponto cuja partida podemos dar pelo Φ e que termina por um Δ , cujo sentido precisaremos ulteriormente, em relação a esta linha $\Phi \rightarrow \Delta$, da qual ela é a origem, o fundamento.

11 de junho de 1958



O fundamento desse efeito do significativo como tal na economia subjetiva, é, na medida em que algo se situa em relação a esta linha, que podemos falar de transferência, isto é, que tudo quanto é da ordem da transferência, conforme a ação do analista ou sua não-ação, conforme sua abstenção ou sua não-abstenção, tende-se sempre a atuar nesta zona intermediária e pode sempre, de certa maneira, vir a se reduzir à articulação da demanda.

De certa maneira, a cada instante, eu diria, é normal, está na natureza da articulação verbal da análise que algo venha se articular no plano da demanda. Mas, se precisamente a lei analítica é que nenhuma demanda do sujeito será satisfeita, não é justamente por causa de outra coisa que porque especulamos sobre o fato que na análise algo ocorrerá que tenderá a fazer atuar esta linha da demanda, não no plano de uma demanda precisa, formulada, satisfeita, ou não satisfeita. Todos estão de acordo: não é porque frustramos o sujeito daquilo que ele pode ocasionalmente nos pedir, quer seja o extremo de nos beijar as mãos, ou quer seja simplesmente responder a ele: não é isso que atua, é a frustração mais profunda da natureza, é a essência da palavra, enquanto ela faz surgir este horizonte da demanda, e foi sempre, em suma, no nível deste horizonte que chamei, simplesmente, para fixar as idéias, de demanda de amor, e que, vocês vêem, pode também ser demanda de outra coisa, talvez uma demanda de reconhecimento de seu ser, com tudo quanto isso faz surgir de conflitos, na medida em que o analista, por sua presença e na qualidade de semelhante, o nega.

A negação hegeliana da relação das consciências se perfila aqui também ocasionalmente: demanda de saber. Há isso também naturalmente no horizonte da relação analítica.

Aquilo por que isso nos interessa e está interessado nos sintomas serve para a resolução das neuroses é que é nesta relação topológica, com estas duas linhas, na medida em que estão formadas por toda e qualquer articulação da palavra na análise, que se situam os quatro vértices deste outro, lugar de referência do sujeito ao outro, que é o lugar de referência imaginário, na medida em que aqui não é senão um falso vértice. Estão realizados pela relação narcísica ou especular do *eu* [*me*] à *imagem do outro*, na medida em que ele já está aquém, anterior, totalmente implicado na primeira relação da demanda, e que além, é na zona intermediária entre a demanda articulada e seu horizonte essencial, também articulado, evidentemente, posto que é a zona de todas as articulações de que se trata, articulado também como tal, posto que está suportado pelo que está articulado, mas que não quer dizer articulável, evidentemente, pois o que está aqui no horizonte, e, propriamente falando, este último termo na medida em que nada é suficiente para formulá-lo de maneira satisfatória, a não ser pela continuação indefinida do desenvolvimento da

..... .

11 de junho de 1958

É nesta zona intermediária que se situa este algo que se chama o *desejo*, o desejo na medida em que nos interessa, o desejo na medida em que é o desejo que está posto em causa propriamente, em toda a economia do sujeito, e que ele pode estar interessado naquilo que se revela na análise, a saber, em tudo quanto na palavra começa a se movimentar neste jogo de oscilações entre os significantes, por assim dizer, sem muitas pretensões, da necessidade, e tudo quanto resulta além da articulação deste significante, da presença constante do significante na qualidade de presente no inconsciente do sujeito, isto é, na medida em que ele já amassou, formou, estruturou o sujeito. É aqui, nesta zona intermediária, e eu lhes disse por que, que se situa o desejo, o desejo do homem na medida em que é o desejo do outro, isto é, está além da passagem da articulação da necessidade do homem nesta necessidade de fazê-lo valer para o outro, este desejo sob sua forma de condição absoluta, de algo que está além de toda e qualquer satisfação da necessidade e que se produz na margem que existe entre a demanda de satisfação da necessidade e da demanda de amor que se situa aí. É a problemática deste desejo na medida em que o desejo do homem está sempre para ele a buscar no lugar do outro, e o que faz com que o desejo seja um desejo estruturado neste lugar do outro como tal, e na medida em que o lugar do *Outro* é a palavra, que faz toda a problemática do desejo, do desejo humano e que o torna sujeito às formações do inconsciente, à dialética do inconsciente que faz com que lidemos com ele, que possamos influir sobre ele por este fato que ele está articulado ou não na palavra na análise. Não haveria análise se não houvesse esta situação fundamental.

Isto dito, temos, por assim dizer, seu fiador, seu suporte, o ponto onde ele se fixa sobre seu objeto que, muito longe de ser um objeto, de alguma forma, natural, é um objeto constituído por uma certa posição tomada pelo sujeito em relação ao outro. É com ajuda desta relação fantasmática em sua essência, em sua natureza, que o homem se reencontra e situa seu desejo, de onde a importância dos fantasmas, de onde o fato que em Freud, vocês verão com que raridade o termo *instinto* é usado. Trata-se sempre de *pulsões*, em outras palavras, de algo que é um termo técnico dado a este desejo, na medida em que a palavra o isola, o fragmenta, e o coloca nesta relação problemática e desarticulada com sua própria finalidade, isto é, o que se chama a direção da tendência com seu objeto.

Por outro lado, vocês sabem que está essencialmente feito à substituição de deslocamento, e até todas as formas de transformações e de equivalência essencialmente sujeitas à palavra. Na última vez, estávamos tentando centrar de mais perto os problemas em torno de algo que deve ter um relação com aquilo que está sendo dito aí, posto que, afinal de contas, certos de seus elementos transparecem nos estudos, especialmente da natureza da neurose obsessiva da qual eu por várias vezes lhes possibilitei tomarem conhecimento por si mesmos, e está certo que certos elementos: termo, distância ao objeto, objeto fálico, relação ao objeto, que nisso estão interessados, não podem na relação, ao menos posterior a estes estudos, deixar de nos provocar a ver como podemos julgá-los, situá-los à luz daquilo que isto traz.

Na última vez, eu havia, pois, tomado dois exemplos de neurose obsessiva, em seu relatório de cura, no artigo *Importância do aspecto homossexual da transferência* (caso de Catherine falsa obsessiva).

Eu lhes fiz notar o quanto, de certa maneira, se apresenta como problemático o resultado de tal ou tal sugestão, digamos direção ou mesmo, digamos, propriamente falando, interpretação, que estão dadas neste fantasma. Fiz notar a propósito de um sonho, por exemplo, o quanto, por certos pressupostos, se encontra no sistema, se consegue eliminar certos elementos de relevo, logo, o próprio sonho. Falou-se de sonho de transferência

11 de junho de 1958

homossexual, como se mesmo isto pudesse ter um sentido lá onde o próprio sonho dá a imagem daquilo de que se trata, a saber, de uma relação que está longe de ser dual, na medida em que eu lhes mostrava na presença aqui muito picante sob a forma de um objeto, de um objeto que é na oportunidade o famoso bidé, de que se fala no sonho, o sujeito, pois, que no sonho estava transportado na cama do analista, onde estava ao mesmo tempo à vontade, atitude que, segundo o conteúdo manifesto do sonho, se pode qualificar de espera, mas com a presença completamente articulada e essencial deste bidé.

Pode-se estar quanto mais surpreendido que o analista não se detenha nisto, que outro texto do mesmo analista mostre que ele está longe de ignorar a significação propriamente fálica daquilo que certos analistas têm chamado de pênis côncavo, ou taça, na medida em que é uma das formas sob a qual pode se apresentar, no nível da assunção da imagem fálica pelo sujeito feminino, precisamente o significante falo. Em suma, esta espécie de Graal aqui apresentado no sonho, é algo suscetível de prender a atenção, e mesmo de suscitar naquele que interpreta em termos de relação a dois, deste sonho, alguma prudência.

Eu diria mais: esta observação n.º 2, eu reli mais uma vez, li também a que a precede. Agora me parece que ela não é a mais interessante, sobre a qual se possa fazer atuar a crítica, pois, verdadeiramente, levada a este nível verdadeiramente evidente - peço que leiam, simplesmente, esta observação. Tomemos, por exemplo, ao acaso, esta frase:

Fizemos, pois, alusão a um tempo da análise, quando uma intervenção desta natureza já havia precedido, mas se volta a ela porque de alguma forma o sujeito que verdadeiramente foi atraído sobre o fato de aprofundar a transferência a situação de transferência se torna mais e mais precisa. É preciso insistir para vencer certos silêncios. A transferência se tornava francamente homossexual Aludimos, pois, ao fato de que se existir, posto que se trata de facilitar entre homens relações afetivas que são chamadas de amizade e das quais ninguém ignora que elas tomam sempre um certo caráter de passividade para um dos parceiros, quando aquele que se encontra na necessidade de rever diretivas Neste momento difícil, tivemos a idéia de usar uma analogia que podia estar sentida de plano por este antigo oficial para quem os homens se fazem matar por um chefe que amam, porque aceitam com um sentido absoluto da obediência suas ordens, assim, ressentem tão bem os sentimentos e pensamentos do chefe que se identificam com ele e fazem o sacrifício de sua vida, da mesma maneira que de próprio o faria se estivesse em seu lugar.

Vocês vêem que uma intervenção desta espécie requer um setor de silêncio bastante sério.

Só podem agir assim porque amam passivamente seu chefe. Isto fez desaparecer toda moderação, imediatamente, mas lhe permitiu continuar a se mostrar objetivo, quando de ia reviver conosco situações homossexuais mais precisas.

E isso não deixou de ocorrer.

Na verdade, é claro que o fato de orientar, de facilitar, de abrir a porta de toda uma elaboração engenhosa naquilo que se chama a relação a dois, entre analisado e analista, de maneira na qual é a própria observação que testemunha até que ponto ela não é simplesmente sistemática, ela é verdadeiramente insistente, e sobre os dois termos, nos dois planos ela é escolhida, tudo quanto, no material, vai no sentido simplificador de elaborar a relação a dois na medida em que está provida pelo analista de uma significação.

Aqui nem se trata deste elemento sobre o qual gostaria de insistir mais tarde, que é a parte da marca que dá à interpretação a introdução de um significante. Aqui a interpretação, isto

11 de junho de 1958

é, aquilo que necessita que a interpretação seja algo de natureza breve, é precisamente isto: é que ela está essencialmente e deve estar centrada sobre o manejo do significante. O que temos aqui? Temos manifestamente uma intervenção no parágrafo de que se trata. Ela mostra o caráter significativo, compreensivo, persuasivo, que consiste em induzir o sujeito a viver esta relação que, como tal, está articulada e considerada neste nível da obra como uma relação a dois, exatamente nele, a se articular esta noção da situação analítica como uma relação tão simples, onde ele exprime alhures uma relação a dois.

Aqui encontramos-nos da maneira mais manifesta - qualquer um pode constatá-lo, nem precisa ser analista para se aperceber disso - diante de algo que, por sua natureza, se apresenta à sugestão, que em todo caso, pelo simples fato que escolhe uma significação sobre a qual ele volta por três vezes, só nesta observação que tem aproximadamente seis páginas, nos mostra as etapas essenciais desta relação do analisado com o analista e se apresenta sob a forma de uma facilitação da compreensão da situação a dois, em termos de relação homossexual na medida em que estão apresentados classicamente na doutrina freudiana como sendo algo libidinal subjacente a todas as relações consideradas sob o ângulo social, isto é, sob esta forma eminentemente ambígua que não permite distinguir o que é, propriamente falando, a pulsão homossexual na medida em que ela distingue na escolha de um objeto erótico, o do sexo oposto ao que a norma pode desejar.

É aí algo que é de outra natureza que não o uso do termo de homossexual a propósito desta subjacência libidinal. Isto coloca toda sorte de problemas, mas seu uso sob forma de doutrinação no interior da terapêutica, não digo que seja em si ilegítimo, digo que o fato de que ele seja sistemático para o problema de toda a orientação, de toda a direção da cura. Pois vemos bem em que medida isto pode ser portador de efeitos, mas vocês não vêem que há uma escolha no modo de intervenção a propósito da neurose obsessiva, e que tudo quanto vocês sabem, por outro lado, sobre a neurose obsessiva, lembra bem que esta relação do sujeito a ele mesmo, a sua existência no mundo que se chama uma neurose obsessiva é, de qualquer maneira, algo infinitamente mais complexo que uma relação de ligação libidinal ao sujeito de seu próprio sexo, em qualquer nível que seja que consiga se articular.

Desde as primeiras observações de Freud todos sabem o papel que desempenhou a pulsão de destruição do semelhante e voltada, deste fato, contra o próprio sujeito. Todos sabem que muitos outros elementos estão interessados, estes elementos de repressão, de fixação na evolução libidinal, que, aliás, estão longe de ser simples, eu diria até, embaraçosas, que a famosa ligação do sádico e do anal, não é algo que por si possa ser considerado como algo simples, ou mesmo simplesmente eludido num momento qualquer.

Em resumo, tudo deixa aparecer que se uma tal direção ou orientação do tratamento feito está provida de efeito, é justamente algo de uma perspectiva muito mais ampla daquilo de que se trata, algo que chega a se articular, não digo que isso seja inteiramente suficiente, mas já nos permite melhor ordenar os diferentes planos e registros nos quais as coisas podem efetivamente se ordenar.

No nível deste plano, podemos ver, podemos situar este algo que é um detalhe da economia do obsessivo, a saber, o papel que desempenha, num ponto desta economia, a identificação a um outro que é um pequeno o, um outro imaginário, e que é um dos modos graças a que ele equilibra, aproximadamente, sua economia de obsessivo.

11 de junho de 1958

Dar-lhe esta satisfação, que é a aprovação desta relação, aparece na história do sujeito a frequência, eu diria a constância na história do obsessivo, se um outro, na medida em que ele é aquele a quem se refere, de quem pede a aprovação e as críticas, ao qual se identifica como a alguém. O autor em questão o articula como alguém mais forte que ele e sobre o qual se pode dizer que literalmente ele se apóia, uma espécie de sonho.

Eis algo que é como o fato de sancionar este mecanismo, que certamente é um mecanismo de defesa, propriamente falando, na obsessão, a maneira pela qual o sujeito equilibra a problemática de sua relação ao desejo do outro é algo que pode algum efeito terapêutico, mas longe de tê-lo por si só e, aliás, o seguimento dos trabalhos do autor mostrará que as coisas levadas num sentido que dá mais ênfase ao que ele chama, no caso, de a distância ao objeto, encarnando-se isto em algo que se produz, está centrado mui especialmente em torno do fantasma do *fellatio*, o *fellatio* de um falo, não qualquer falo, mas mui precisamente o falo que é uma parte do corpo imaginado do analista. Isto desemboca de alguma forma na elaboração de um fantasma no qual esta espécie de apoio imaginário tomado no semelhante e no outro homossexual, se encarna, se materializa nesta experiência imaginária que nos é dada como tal, como comparável à comunhão católica, à absorção de uma hóstia. Vemos aqui, sempre na mesma linha, numa certa linha de elaboração do fantasma, desta vez ainda mais intensa, que ocorre algo que vemos, que podemos materializar sobre o esquema, aquilo de que se trata. Trata-se da produção daquilo que ocorre no nível das produções fantasmáticas originais.

Vou lhes mostrar que é exatamente do próprio sujeito, da passagem disto, a saber, da relação $\$ \leftrightarrow a$, na medida em que está no nível do fantasma, isto é, da produção fantasmática que permitiu ao sujeito situar-se, se arranjar com seu desejo, da passagem disto no nível da mensagem propriamente falando, da mensagem que é a da resposta à demanda, da mensagem na medida em que se situa - não é por nada que na observação, vocês vão ver, está articulada desta maneira, vemos naquele momento aparecer a imagem da boa mãe, da mãe benevolente, que nos falam da flexibilidade maior do prazo feminino infantil. É, com efeito, no nível da significação do significado e do Outro.

Homologar esta produção fantasmática do sujeito é, de alguma forma, o que não podemos bem literalmente exprimir, a não ser como uma redução da complexidade das formações no sujeito que é desejo, como uma redução disto à relação da demanda, da demanda articulada na relação direta do sujeito ao analista.

Vocês me dirão: *mas, se isso der certo?* Efetivamente, por que não? Não é isso uma certa idéia que se pode fazer da análise?

Respondo que não só isto não basta, mas temos nestas observações, aliás da maneira mais perceptível, naquilo que nos é dado, temos também por outro lado documentos que nos permitem, pela experiência, ver qual é o resultado.

Certamente isto não deixa de comportar certos efeitos, mas por outro lado, aquilo que ocorre é algo muito longe de representar o fato de cura que poderíamos esperar, ou a pretendida maturação genital que estaria realizada. Como não ver o paradoxo que é o fato de falar de maturação genital quando, em suma, se articula francamente aqui que a maturação genital nesta oportunidade representada pelo fato que o sujeito se deixa amar por seu analista? Todavia há aqui algo extraordinário, longe que a maturação genital esteja realizada como num processo, pelo contrário, vemos mui evidentemente o fato de uma redução subjetiva dos sintomas por intermédio de um processo que, por natureza, tem algo

11 de junho de 1958

de regressivo, não somente no sentido temporal, mas do ponto de vista tópico, na medida em que há redução no plano da demanda de tudo quanto é da ordem da produção, da organização, da manutenção do desejo. E efetivamente, o que ocorre nestas etapas, longe de ser interpretado como algumas vezes no sentido de uma normalização, de um melhoramento das relações com o outro, se apresenta como bruscas explosões, seja de *acting-out*, eu lhes mostrei um, ano passado, a propósito da observação das relações em um sujeito muito marcado por tendências perversas e cujas coisas têm, este final de um verdadeiro *acting-out* de um sujeito que ia observar, por uma porta de sanitários, mulheres urinando. Isto é, indo literalmente encontrar a mulher precisamente na qualidade de falo, isto é, por uma espécie de brusca explosão de algo excluído sob a influência da demanda e que aqui faz seu entrada sob a forma de algo que, neste ato isolado na vida do sujeito, tem todas as formas compulsivas do *acting-out* e da presentificação de um significante como tal.

Muitos outros testemunhos nos mostram, sob outras formas, às vezes, por exemplo, sob a forma de um enamoramento que tem este aspecto paradoxal em sujeitos que não há por que considerar como homossexuais dissidentes: o que há de homossexual neles, eles o têm mais que aquilo que se pode ver de um enamoramento brusco a um semelhante, um enamoramento problemático, eu diria de um verdadeiro produto artificial desta espécie de intervenção, de um enamoramento que toma o aspecto de um enamoramento homossexual, efetivamente, e que, em suma, não é senão a produção forçada desta relação em relação a que, numa tal maneira de orientar, de dirigir o analista, é, propriamente falando, aquilo que foi forçado pela redução à demanda.

Eu diria, pois, que neste nível desta prática, esta maneira que naquele momento carece de crítica, de fineza, há algo que desencoraja os comentários, e é por isso que gostaria de tomar algo anterior e que, como eu disse uma vez, na obra do autor de que se trata, sempre me pareceu muito mais interessante e próprio para mostrar que talvez o desenvolvimento teria podido tomar, à condição de estar orientada de outra maneira, sua elaboração destes sujeitos. É aquele que concerne às incidências terapêuticas da tomada de consciência. É o próprio título *a inveja do pênis na neurose obsessiva feminina*.

Esta observação tem um interesse muito grande porque não temos muitas análises da neurose obsessiva na mulher, e também para aqueles que poderiam descrever o problema da especificidade sexual da neurose, a saber, de pensar que é por razões inerentes a seu sexo, que os sujeitos escolhem tal ou tal direção da neurose.

Veremos, porém, nesta oportunidade da neurose obsessiva feminina, como tudo quanto é da ordem da estrutura na neurose é algo que deixa muito pouco espaço àquilo que a posição do sexo, no sentido do sexo natural, biológico, pode ter de determinante.

Aqui, com efeito, esta famosa prevalência do objeto fálico como tal, que vimos atuar nas observações concernentes às neuroses obsessivas masculinas, se reencontra, e de maneira particularmente interessante.

Eis como o autor concebe, descobre, desenvolve o progresso da análise. Ele próprio o articula da maneira seguinte:

Bem como o obcecado masculino, a mulher precisa se identificar, de modo regressivo, ao homem, para poder se libertar das angústias da primeira infância. Mas enquanto o primeiro se apoiará sobre esta identificação para transformar este objeto de amor infantil em objeto de amor genital. Isto corresponde estritamente àquilo que lhes fiz notar há pouco do paradoxo da identificação do sujeito masculino ao analista na oportunidade posto que, por si só, de constitui esta passagem do objeto de

11 de junho de 1958

amor infantil ao objeto de amor genital. Certamente há aí algo que coloca um problema, da (a mulher) se fundamenta primeiro sobre esta mesma identificação e tende a abandonar este primeiro objeto e a se orientar para uma direção heterossexual, como se pudesse proceder a um nova identificação feminina, desta vez sobre a pessoa do analista.

Está, pois, dito com uma ambigüidade surpreendente mas necessária, que é a identificação ao analista, aqui articulada como tal, que está precisada como tal. Diz-se que ele é do sexo masculino, que é esta identificação que, no primeiro caso, por si mesma, supõe simplesmente e como evidente. Esta identificação assegura o acesso à genitalidade, donde resulta, se se tiver este pressuposto, esta hipótese que, no caso da mulher, se obtivermos aquilo que está dado para ser o caso, não sem prudência aliás, pois nesta observação não se fala de uma melhora extraordinária, mas certamente se constata que à medida desta identificação ao analista, se constata, não sem um certo constrangimento, mesmo não sem uma certa surpresa, que esta identificação se fará sucessivamente de duas maneiras: a primeira confidencial, isto é, de reivindicação para com o homem, e até de hostilidade, e, na medida em que esta relação se ameniza, uma problemática singular.

É sempre pela necessidade de conceber de certa maneira este progresso de uma identificação feminina, que se acredita possível, haja visto a ambigüidade fundamental da pessoa do analista. Certamente não estamos satisfeitos por esta explicação.

...Uma nova identificação, desta vez feminina, desta vez sobre a pessoa do analista. Ele vai sentir que a interpretação dos fenômenos de transferência é aqui particularmente delicada se a personalidade do analista masculino está primeiro apreendida como a da vergonha com todas as interdições, os medos, a agressividade que isso comporta pouco depois que o desejo de possessão fálica...

E é disso que teremos que falar e que deveremos situar.

...e correlativamente de castração, do analista.

E acrescenta:

E que deste fato os efeitos do alívio pré-átados foram obtidos. Esta personalidade do analista masculino é assimilada à de uma mãe benevolente

E acrescenta ainda:

Esta assimilação não demonstra que a força essencial da agressividade anti-masculina se encontra na pulsão destrutiva inicial cujo objeto era a mãe?

Aqui um horizonte kleiniano pode sempre dar algum apoio.

A tomada de consciência de uma traz o direito ao livre exercício da outra e o poder liberatório desta tomada de consciência do desejo de possessão fálica se torna então de plano compreensível, assim como a passagem de uma identificação à outra em função da ambigüidade fundamental.

Aqui reencontramos a frase dita há pouco.

Com efeito, tudo está aí. Vocês vão ver, isto depende primeiro da interpretação daquilo de que se trata e de uma exigência ou de um desejo de possessão fálica, e, correlativamente, de castração do analista.

11 de junho de 1958

Examinando as coisas de mais perto, isto está longe de representar aquilo que efetivamente se apresenta na observação.

Tomarei a observação na ordem na qual está apresentada.

A mulher de que se trata tem cinquenta anos, boa saúde, é mãe de dois filhos, exerce uma profissão paramédica. Ela vem por causa de uma crise de fenômenos obsessivos de ordem completamente comum: obsessão de ter contraído a sífilis. Isto é importante, na medida em que ela vê nisto não sei qual interdito posto no casamento de seus filhos, ao qual, por sinal, no que concerne ao mais velho, ela não conseguiu se opor. Obsessão de infanticida, de envenenamento, em resumo, toda um série de obsessões, eu diria, banais, muito especialmente do tipo das manifestações de obsessão na mulher.

Antes mesmo de nos dar a lista, a relação, é o próprio autor que nos fala de maneira prevalente das obsessões como tema religioso. Evidentemente, como em todas as obsessões com tema religioso, há aqui todo tipo de frases injuriosas, escatológicas², que se impõem ao sujeito, em contradição formal com suas convicções.

Começemos por olhar o que se apresenta como um dos elementos que o próprio autor sublinha, enfatiza logo, nas relações do sujeito à realidade religiosa, especialmente, haja visto que ela é católica, à realidade que é para ela, a presença de Cristo na hóstia.

Além disso, ela se representa órgãos genitais masculinos, em imaginação, sem que se trate de fenômenos alucinatórios, precisa ele, no lugar da hóstia. Algumas linhas mais adiante faz-se notar um detalhe importante concernente a esta hematologização religiosa principal destas obsessivas: é que só sua mãe foi responsável por sua educação católica e que seu conflito com ela podia se transportar sobre o plano espiritual, que por sinal não é senão uma obrigação. Não vamos discutir sobre isso. É um fato que tem todo seu alcance.

Antes de nos determos sobre o modo das interpretações que serão dadas a seguir, gostaria de detê-los por um instante sobre este sintoma. Em si, este sintoma está altamente qualificado para nos incitar a alguns comentários.

Os órgãos genitais se apresentam diante e no lugar da hóstia.

Para nós, analistas, o que isso pode querer dizer? Eis um caso em que este lugar, esta superposição, se formos analistas, deve ter seu valor.

O que é que chamamos de *realque* e sobretudo, *retorno do realçado*, senão algo que aparece como algo que desbota por baixo, que vem surgir na superfície como a escrita a qualifica, ou como uma mancha que sobe ou re-sobe, com o tempo, à superfície?

Eis um caso em que, se aceitarmos dar às coisas sua importância textual, como manda nossa posição de analistas, devemos tentar articular de que se trata.

Sabemos que, segundo esta mulher que recebeu uma formação religiosa, o Cristo deve ter pelo menos um sentido religioso, como para todos aqueles que estão na religião cristã, e

² Há aqui, não sabemos se um trocadilho de Lacan ou um erro de transcrição, pois a palavra empregada foi *scatologiques*. *Scatologique* corresponderia a *escatológico*, relativo aos excrementos; coprologia. *Escatologique* corresponderia à mesma palavra em português, *escatológico*, mas com outra conotação, a teológica, do sentido último, final, do universo. Tais termos estariam portanto, de algum modo, associados, o que propiciaria o trocadilho ou o erro.

11 de junho de 1958

isso não é indiferente. O Cristo é o Verbo, o Logos, e isso nos é martelado na educação católica, e não há a menor dúvida que Ele é o Verbo encarnado, é a forma mais abreviada daquilo que se chama um credo. Se nos referirmos a este Logos, vemos, em suma, o que ele é, isto é, se nos disserem que é o Verbo, então é o Verbo, isto é, a totalidade do Verbo. Vemos aparecer através Dele, se substituindo a Ele, no lugar Dele, algo que é aquilo que nós, naquilo de uma maneira convergente em relação a toda nossa exploração, tentamos formular da experiência analítica.

Fomos levados a chamar este significante privilegiado único, na medida em que está definido pelo fato que ele designa o efeito, a marca do significante como tal sobre o significado.

O que ocorre neste sintoma é a substituição a uma relação que nos é dada como a da relação do sujeito ao verbo, ao verbo em sua essência, ao verbo total, ao verbo encarnado, mesmo a substituição à totalidade deste verbo de um significante privilegiado que é, propriamente falando, o deste significante que serve para designar o efeito, a marca, a ferida do conjunto do significante que concerne ao sujeito humano na medida em que, pela instância do significante, há nele coisas que vêm significar.

Estamos progredindo na observação. O que vamos encontrar mais adiante?

Isto: O sujeito vai dizer que sonhou que estava esmagando a cabeça do Cristo com os pés,

e esta cabeça se parecia com a sua, diz ao analista. E, em associação, a observação seguinte: todo dia pela manhã, para ir a meu trabalho, passo na frente de uma funerária (casa) onde quatro crucifixos estão expostos. Olhando para eles, tenho a impressão de pisar seu pênis. Experimento uma espécie de prazer agudo e angústia.

Aqui, mais uma vez, o que encontramos? Manifestamente, a identificação deste algo que é o Outro, o grande Outro, certamente, na oportunidade, o Outro na qualidade de lugar da palavra. Na oportunidade, o que nos está sendo dado, é que o sujeito esmaga com seu calcanhar o rosto do Cristo. Não esqueçamos que aqui o Cristo está materializado em um objeto, um crucifixo. Que este objeto não seja em sua totalidade o falo, eis que não pode deixar de nos surpreender, particularmente se continuarmos a procurar os detalhes que a observação nos dá, a saber, isto: é que nas relações da analisada com o analista, vai intervir algo muito peculiar: as censuras que ela vai fazer ao analista pelos transtornos que ele traz à sua vida vão se materializar nisto: que ela não pode comprar sapatos.

Evidentemente o analista reconhece o valor fálico do sapato; em outras palavras, que o sapato e especialmente o salto, é aqui algo que tem todo seu alcance.

Notemos a este propósito que isto vem no interior de uma análise, que o *fetichismo*, especialmente o fetichismo do sapato na mulher, praticamente não está observado, a oposição de algo que se refere ao sapato com esta significação fálica. Em compensação, no decurso de uma elaboração da observação tal como ela se faz na análise, é algo que toma aqui todo seu valor. Tentemos entendê-lo.

Para tal não precisa ir muito longe. Enquanto naquele momento o analista faz de tudo para sugerir ao sujeito que se trata de uma necessidade, de um desejo de possessão do falo, o que em si talvez não seja o pior que ele possa dizer, não fosse que para ele isso representa, e ele o diz também, o desejo, no sujeito, de ser um homem. Ao que o sujeito não pára de se opor, de protestar com o máximo de energia, até o fim. Ela nunca desejou ser um homem,

11 de junho de 1958

e, na verdade, talvez não seja a mesma coisa, desejar possuir o falo e desejar ser um homem, posto que a própria teoria analítica supõe que as coisas podem se resolver de maneira natural.

Mas vejamos o que a analisada replica na oportunidade:

Quando estou bem vestida, os homens me desejam, e penso com prazer, uma alegria muito real, 'mais alguns que não terão sucesso'. Estou contente de imaginar que des possam sofrer por causa d'isso

Resumindo: ela traz o analista de volta em terreno sólido, econômico, a saber: se houver relação com o falo em suas relações com o homem, qual é ela?

Tentemos agora, articulá-lo, nós mesmos.

Eis aproximadamente como lhes proponho articulá-lo preciosamente. Há aqui vários elementos: Há a relação à mãe, da qual foi dito que ela é profundamente essencial, relação de verdadeira coerência entre o sujeito real que esta mãe, cujas relações problemáticas com o pai nos foram mostradas, e voltaremos depois a estas relações com o pai, e sobre as relação da doente com o pai, que esta mãe, em todo caso, se manifestou de várias maneiras, particularmente desta: que o pai não tinha conseguido triunfar do afeto de sua mulher para um primeiro amor, por sinal platônico. Para que tal coisa seja assinalada na observação, é preciso que tenha tido uma certa importância.

Por outro lado vemos que as relações à mãe são estas: ela a julga de todas as maneiras favoráveis, inteligente, mais do que pai etc, fascinada por sua energia etc.

Os raros momentos em que sua mãe descansava a enchia de alegria indizível... Ela sempre considerou que sua irmã mais jovem era a preferida... toda e qualquer pessoa lidando com sua mãe nesta casa era objeto de desejo de morte, como o mostrará um material importante, quer onírico, quer infantil, relativo ao desejo da morte de sua irmã.

Isso é suficiente para demonstrar, antes de mais nada, que aquilo de que se trata nas relações do sujeito com sua mãe é justamente aquilo que eu lhes disse que era a relação do sujeito ao desejo da mãe. A maneira pela qual o problema do desejo se introduz na vida do sujeito é precoce e particularmente manifesta, precisamente na história da obcecada.

Este desejo que termina nisto: que o sujeito vê para si se perfilar para fim, o fim, não de obter isto ou aquilo, mas primeiro de ser o objeto do desejo da mãe, com aquilo que isto comporta, isto é, de destruir aquilo que é, mas está desconhecido. O objeto do desejo da mãe é precisamente aquilo a que está suspenso tudo quanto doravante para o sujeito vai ligar a aproximação de seu próprio desejo a um efeito de destruição, e aquilo que, ao mesmo tempo subordina, define a aproximação deste desejo como tal ao significante que é por si mesmo o significante do efeito de desejo na vida de um sujeito, a saber, o falo.

Articulo as coisas novamente: Para o sujeito em questão, o problema não é saber se a mãe, como no fóbico por exemplo, tem ou não tem o falo. É de saber o que é este efeito, no outro, deste algo que é *X*, que é o desejo. Em outras palavras, o que vem em primeiro lugar, no primeiro plano para o sujeito, é saber o que ele próprio será, se ele é ou não é aquilo que o desejo do outro é.

O que vemos vir no primeiro plano, e mui precisamente a este propósito, é muito bonito vê-lo na oportunidade do Logos encarnado, a saber, do outro; do outro na medida em que

11 de junho de 1958

o verbo precisamente o marca, é a substituição neste ponto e neste nível do significante falo como tal.

Com outras palavras articularei mais longe ainda meu pensamento. Freud viu e designou as fronteiras da análise como ficando neste ponto que em certos casos, diz, se mostra irreduzível, uma espécie de ferida que baixa no sujeito, que para o homem é o complexo de castração, e que conserva toda sua manifestação prevalente, que em suma se resume nisto: Ele só pode ter o falo sobre o pano de fundo disto que ele não o tem, o que é exatamente a mesma coisa que se apresenta na mulher, a saber, que ela não tem o falo sobre o pano de fundo que ela o tem, pois de outra maneira, como ela poderia ter-se tornado enraivecida por este *penis néid* redutível. Não esqueçam que *Néid* em alemão não quer dizer simplesmente desejo, quer dizer que torna a pessoa literalmente *atacada*. Todas as subjacências da ira e da agressão estão contidas no *Néid* original, no alemão moderno, bem como nas formas antigas e mesmo no anglo-saxão.

Se Freud de certa maneira marcou aí o que numa certa oportunidade ele chama *o caráter infinito, projetado ao infinito*, o que foi mal traduzido por *inteminável*, daquilo que pode ocorrer na análise, é porque ele não vê, porque afinal há coisas diante as quais ele não teve oportunidade de fazer, ainda que muitas coisas indicam, e especialmente neste último artigo sobre a *Spaltung* do *eu [m]* sobre o qual voltarei, é que ele não vê que a solução do problema da castração, tanto no homem quanto na mulher, não está em torno deste dilema de ter ou de não ter o falo, pois é unicamente a partir do momento em que o sujeito se apercebe que há algo que, em todo caso, deve ser reconhecido e colocado, é que ele não é o falo, e é a partir desta realização na análise, que o sujeito não é o falo, que ele pode normalizar esta posição, eu diria, natural, que ele o tem ou que ele não o tem.

Isto é efetivamente o termo último, a relação significante em torno de que pode se resolver o impasse imaginário gerado pela função que a imagem do falo toma no nível do plano significante, e é o que ocorre em nosso sujeito quando, sob o efeito das primeiras manifestações da crise nos mecanismos da transferência, isto é, de uma articulação mais elaborada dos efeitos sintomáticos, ocorre nela aquilo que ocorre de maneira muito reconhecível naquilo que acabei de citar hoje, isto é, isto: o fantasma, na medida em que esteja presentificado na análise, ligado à posse ou à não posse dos sapatos femininos, dos sapatos fálicos, dos sapatos que na oportunidade chamaremos de *feticistas*. Qual a função que toma para um sujeito masculino, na medida em que, em sua perversão, o que ele recusa, é que a mulher seja castrada?

É isto que quer dizer a *perversão feticista* para o sujeito masculino: a perversão é de afirmar que a mulher o tem sobre o pano de fundo de que ela não o tem. Senão, não haveria necessidade de um objeto para lhe apresentar manifestamente, independente do corpo da mulher.

Se a mulher, no decurso da elaboração transferencial, começa a fomentar isto que aparentemente é a mesma coisa, a saber, que ela o tem, posto que o que ela enfatiza é que ela quer tê-lo sob forma de roupas, destas roupas que vão excitar o desejo dos homens, e graças às quais ela poderá decepcioná-los em seu desejo. É ela que o articula assim. Aparentemente, ela coloca a mesma coisa, mas é totalmente diferente, outra coisa, quando colocado pelo próprio sujeito, a saber, pela mulher, e não pelo homem que está de frente a ela, e também, o que ela demonstra nesta oportunidade é que, ao querer se apresentar como tendo o que ela sabe mesmo, perfeitamente, que não tem, se trata aqui para ela de

11 de junho de 1958

algo que tem um valor todo diferente, a saber, aquilo que chamei de valor de mascarada, e aquilo por meio de que ela faz de sua feminilidade, justamente, uma máscara.

Aquilo de que se trata é que a partir do fato que este falo que é para ela o significante do desejo, se trata que ela apresente a aparência dele, que ela pareça sê-lo.

Aquilo de que se trata é que ela seja o objeto de um desejo, de um desejo que ela sabe muito bem que não pode satisfazer. Ela exprime isso formalmente quando o analista interpreta para ela aquilo de que se trata como um desejo de posseção do falo. Trata-se aqui, mais uma vez, de algo que nos mostra a divergência que se estabelece, e que é essencial, entre ser este algo que é o objeto do desejo do outro e o fato de ser ou de não ser o órgão que traz a marca dele.

Estamos, pois, chegando à seguinte fórmula: O desejo original é: *Quero ser aquilo que ela deseja, a mãe. Para sê-la, devo destruir aquilo que, por enquanto é o objeto de seu desejo.*

O sujeito quer ser o que ele é: o desejo.

O que, no tratamento, é necessário que ele enxergue é que não é em si mesmo que o homem o é, este objeto de seu desejo; é mostrar-lhe que o homem não é mais o falo que a mulher. O que provoca sua agressividade - mostrarei isso melhor na próxima vez - para com seu marido na qualidade de homem é que ela considera que ele é, não digo que ele tem, que ele é o falo, e é a este título que ele é seu rival, que suas relações com ela estão marcadas pelo signo da destruição obsessiva.

Que este desejo de destruição se volte contra ela segundo a forma essencial da economia obsessiva é exatamente a finalidade do tratamento: é de fazer com que ela verifique que ela é o que quer destruir, na medida em que ela também quer ser o falo; e o que fazemos numa certa maneira de prosseguir no tratamento?

Observem a diferença: tu és aquilo que queres destruir; substituam-no por: tu queres destruir isto que, na oportunidade, está tomado de fantasmas totalmente improváveis e fugazes. O detalhe da observação lhes mostrará esta destruição do falo do analista. Tu queres destruir isto, diz o analista, e eu te dou este mesmo isto. Em outras palavras, toda a cura está concebida como o fato que o analista dá fantasmaticamente, consente, por assim dizer, a um desejo de posseção fálica. Ora, não é disso que se trata, e uma das provas, entre outras que podem ser dadas, é que a maneira com que, no ponto quase terminal em que então a análise parece ter sido feita, onde é dito que a doente conserva todas suas obsessões, com a diferença que ela não tem mais senão uma. Todas elas foram sancionadas, homologadas, evidentemente, pelo analista, em bloco, mas o fato de que elas continuam existindo tem todavia alguma importância.

O que a paciente faz? Isto está dito na observação com uma perfeita ignorância: ela intervém com toda sua força junto a seu filho mais velho do qual ela sempre teve pavor - porque na verdade, ele é o único de quem ela nunca conseguiu domar as reações masculinas - dizendo-lhe que era preciso que ele fosse com toda urgência se fazer analisar por sua vez, isto é, que este falo que o analista pensa ser a solução da situação, na medida em que, no entanto, ele mesmo o diz, a posição da mãe benevolente, ele dá o falo à doente; ela lho devolve, a saber, que um único ponto onde ela tenha efetivamente o falo, ela lho manda de volta. Um emprestado vale um devolvido.

11 de junho de 1958

O analista orientou a análise inteira para o termo que a analisada quer ser um homem. A analisada, até o fim, não está nem bem inteiramente convencida. Certamente, porém, algo que está interessada, a saber, que é verdade que a possessão ou não deste falo encontrou aí seu apaziguamento. Mas o fundo, o essencial, a significação do falo na medida em que é o do desejo, permanece não resolvido.